



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ELIZETE RIBEIRO DOS SANTOS

SENTIDOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO DISCURSO
DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
ARIQUEMES - RO

ARIQUEMES-RO
2014

UNIR - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES

ELIZETE RIBEIRO DOS SANTOS

SENTIDOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO DISCURSO DE PROFESSORES DE
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ARIQUEMES - RO

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão
do Curso de Pedagogia – Habilitação em Séries Iniciais
do Ensino Fundamental e Gestão Escolar, da
Universidade Federal de Rondônia, no primeiro
semestre de 2014.

Orientadora: Profa. Dra. Ilka de Oliveira Mota

ARIQUEMES-RO
2014

Dados de publicação internacional na publicação (CIP)**Biblioteca setorial 06/UNIR**

S237s

Santos, Elizete Ribeiro dos.

Sentidos de alfabetização e letramento no discurso de professores de uma escola municipal de Ariquemes-RO. / Elizete Ribeiro dos Santos. Ariquemes-RO, 2014.

58 f.

Orientador (a): Prof.(a) Dr. Ilka de Oliveira Mota.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento de Ciências da Educação, Ariquemes, 2014.

1. Alfabetização - Letramento. 2. Práticas pedagógicas. 3. Ensino público - Professores. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

CDU: 37.014.22

Bibliotecária Responsável: Danielle Brito Silva, CRB: 11-766.

ELIZETE RIBEIRO DOS SANTOS

SENTIDOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO DISCURSO DE
PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ARIQUEMES - RO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ilka de Oliveira Mota - UNIR
Orientadora

Prof. Dr. Idone Bringhenti - UNIR
Membro

Profa. Mestranda Márcia Ângela Patrícia - UNIR
Membro

ARIQUEMES-RO
2014

*Dedico este trabalho ao Mestre dos mestres,
JESUS CRISTO.*

.

*Aos meus pais, e ao Cleiton Lopes,
meu mais fiel colaborador.*

AGRADECIMENTOS

A DEUS, o que seria de mim sem a fé que tenho nele. Permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos é o maior mestre que eu pude conhecer.

Agradeço a minha mãe, Cleunice Ribeiro dos Santos, mulher heroína, que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, horas em que o desânimo e cansaço fizeram presentes.

Ao meu pai, Raimundo José dos Santos, meu orgulho. Apesar de todas as dificuldades, fortaleceu-me e incentivou-me, sendo, desta forma, pessoa importante nessa trajetória.

E o que dizer de meu querido companheiro, Cleiton Lopes? O meu vocabulário é pequeno para expressar minha gratidão. Agradeço pela paciência, pelo incentivo, pela força e, principalmente, pelo carinho. Valeu a pena, todo sofrimento, todas as renúncias... Valeu a pena esperar. Hoje estamos colhendo juntos os frutos do nosso empenho! Esta vitória não é somente minha, mas posso dizer *nossa*, pois há uma reciprocidade em nossas conquistas. Por isso, agradeço-te por tudo, pelos momentos em que chorei você veio carinhosamente me beijou e me fez sorrir. Pelos momentos em que perdi a paciência, você veio com palavras amenas e doces e me acalmou. Pelos momentos em que meu coração estava aflito, em pedaços, você apareceu com seu cheio de amor e me acalentou. Pelos momentos de alegria, fez questão de dividir comigo. Pelos momentos que, com muita esperança, pensou junto comigo em nossa conquista e vitória. O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis, parafraseando Fernando Pessoa. E você é essa pessoa incomparável.

Agradeço aos meus irmãos e sobrinhos, em especial a minha sobrinha Luana que vibrou com o meu sucesso. Que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo, sempre compreendeu que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Meus agradecimentos aos amigos Andrize Steffen, Chirlem Maria, Joelma Gomes e Marilene Oliveira, companheiras de trabalho e irmãs na amizade. Fizeram parte da minha formação e vão continuar presentes em minha vida.

Agradeço à diretora Neidair Mazine e à vice-diretora Celi Sema por ter me permitido realizar a pesquisa de campo na escola Roberto Turbay. Obrigada.

Agradeço às 3 (três) professoras da alfabetização que muito contribuíram com suas respostas ao questionário desenvolvido como instrumento de pesquisa.

Sou grata às minhas queridas alunas da escola dominical, meus sinceros agradecimentos por sempre intercederem junto a DEUS por mim.

À professora Ilka de Oliveira Mota que, para mim, foi muito mais do que uma orientadora. Aprendi muito não somente cientificamente, mas, também, como pessoa. Por isso, vale a pena trazer as sábias palavras de Cora Coralina: “O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes”. Com ela aprendi tanto o saber quanto a ser sábia. Obrigada! Vivemos muitos momentos felizes durante nossa caminhada juntas. Ela foi como uma bússola que me conduziu durante a trajetória desse trabalho, que é um mérito nosso. Nunca se negou a me atender, seja qual fosse o dia da semana. A esse respeito peço perdão pelos incômodos até mesmo nos momentos de suas férias. Tudo que eu expressar será pouco pela sua dedicação que teve a mim, a esse trabalho. Sou-lhe muito grata. Durante esse tempo ao seu lado percebi que cresci e amadureci muito intelectualmente, pois consegui (e consegue) direcionar o conhecimento dos seus alunos como um lapidador pega um diamante rústico e sem brilho e vai lapidando até que ele começa a brilhar. Talvez nós, acadêmicos, iremos brilhar bem longe de você, mas lembre-se sempre: você ajudou a nos lapidar. Você é uma dessas pessoas incomparáveis, Professora Ilka. Por isso, externo minha fiel gratidão pela paciência na orientação e incentivo que tornou possível a conclusão desta monografia.

À professora e coordenadora do curso de Pedagogia, Márcia Ângela Patrícia, que muito contribuiu com a minha formação por meio de suas aulas tão brilhantes, o que me levou à escolha de meu tema. Sou-lhe grata pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade. Proporcionou ainda o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade pela educação no processo de formação do profissional. Por isso, sou grata, não somente por ter ensinado, mas por ter me feito aprender: foi uma verdadeira relação de ensino-aprendizagem que, sempre frisou em suas aulas, dá-se em um movimento dialético. A palavra mestre é ainda muito pouco a ela, que sempre foi e é dedicada em tudo que faz. Terá os meus eternos agradecimentos.

Ao professor Dr. Idone Bringhenti pelo privilégio que me oportunizou por ser sua aluna, proporcionando momentos significativos de aprendizado e crescimento intelectual com suas aulas de Filosofia tão bem elaboradas. Como homenagem, cito aqui um pensamento filosófico que muito lhe cabe: “Ainda não cheguei à idade de Matusalém, que Husserl considerava necessária para adquirir maturidade nos assuntos filosóficos, mas já vivi o suficiente para saber que, a esta altura da vida, a honraria que me concedem os colegas devo atribuí-la mais à amizade do que aos méritos da

carreira acadêmica. Aristóteles disse que o amigo é um outro eu, *ho phílos állos autòs*, mas o convívio de muitos anos fez a *philía* dos gregos sublimar-se no *ágape* dos que vivem no mesmo espírito. É na generosidade de dar e receber que o eu se torna um nós, e cada qual está com o próximo sem abdicar do que lhe é devido”. Obrigada, Professor!

À Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ariquemes, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro: um horizonte nobre, virtuoso, elevado pela confiança no mérito e ética aqui presentes.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

"Se cheguei até aqui foi porque me apoiei no ombro dos gigantes".

Isaac Newton

RESUMO

Essa monografia foi realizada com o intuito de delinear as especificidades que constituem os processos de alfabetização e letramento. Com base na bibliografia pesquisada, vimos que embora apresentem diferenças, os mesmos não podem ser dissociados, ou seja, um completa o outro. Devido às muitas especulações e confusões referentes a esse tema, surgiu a ideia de pesquisar e buscar respostas para muitas indagações sobre este tema. Para isso, trabalhamos com professores do ensino fundamental de uma escola pública municipal na cidade de Ariquemes, Estado de Rondônia, a fim de compreender os sentidos de alfabetização e letramento presentes na fala e prática pedagógica dos professores envolvidos na pesquisa. Pudemos observar que para os professores não há diferença entre letramento e alfabetização, o que apaga a especificidade de cada um. O estudo em pauta foi realizado com pesquisa bibliográfica em livros impressos e sites de buscas em acervos de entidades confiáveis de autores renomados sobre o assunto, sendo produtivos às questões que levantamos. Realizamos pesquisa de campo na escola eleita por nós a fim de compreender as questões entorno da alfabetização e letramento.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Práticas pedagógicas. Escola Pública.

ABSTRACT

This monograph was performed in order to outline the specifics that constitute literacy and coding-decoding and literacy processes. Based on the literature studied, we have seen that, although exhibiting differences between them, they can not be separated, ie, one completes another. Due to many speculations and confusions related to this topic, the idea of researching and seeking answers to many questions on this topic arose. To do this, we work with elementary school teachers in a public school in the city of Porto Velho, State of Rondônia, in order to understand the meanings of literacy and literacy present in the speech and pedagogical practice of teachers involved in the research. We observed that for teachers there is no differences between coding-decoding and literacy, which erases the specificity of each one. The study in question was conducted with literature in printed books and websites in search of trusted entities collections of renowned authors on the subject, being productive to the issues we raised. We conducted fieldwork at the school elected by us in order to understand the issues around coding-decoding and literacy processes.

Key-words: Coding-Decoding Process. Literacy. Pedagogical Activities. Public School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOS

Foto 01 – Livros didáticos sobre a mesa na sala dos professores. 38

Foto 02 – Lugar reservado para a leitura 40

FIGURAS

Figura 01 – Ilustração do Processo de Alfabetizar Letrando 31

Foto 05 – Slogan do Programa Prêmio Escola Nota 10. 33

TABELAS

1. Quadro que sintetiza a formação e história dos docentes 42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. LÍNGUA, SUJEITO E ESCOLA: UMA BREVE DISCUSSÃO	17
1.1 Concepção de Língua	17
1.2 Concepção de Sujeito	18
1.3 Noção de Conhecimento e Aprendizagem	19
2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DOIS LADOS DE UMA MOEDA?	21
2.1 Alguns conceitos de Alfabetização	21
2.2 Reflexões sobre Letramento	26
2.3 Alfabetizar <i>letrando</i> : Um desafio ao alfabetizador	28
3. Condições de Produção da pesquisa: Contexto Sócio - Histórico.....	32
3.1 Iniciando a Conversa.....	32
3.2 Um Pequeno Histórico da Escola Pesquisada.....	33
4. ANÁLISE DISCURSIVA DOS RECORTES	36
4.1 O Questionário como Instrumento de Pesquisa:	36
4.1.1 O Resultado das Respostas do Questionário da Diretora.....	37
4.2 Alfabetização e Letramento: Concepção das Professoras	40
4.3 Sentidos de Alfabetização e Letramento no Discurso dos Professores Pesquisado	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	56

Introdução

Alfabetizar é relacionar o letramento no interior das práticas linguageiras escolares, ou seja, usar o conhecimento já adquirido pelo indivíduo para ensiná-lo e ao mesmo tempo fazê-lo desejar e buscar o conhecimento ao seu redor. É notável o grande desafio para o educador alfabetizar letrando, lembrando que a educação já foi um sistema totalmente diferente do que se prega hoje, onde o professor era concebido imaginariamente como o detentor do conhecimento e o aluno o depósito de tal conhecimento, mas podemos ver que nos últimos anos tal realidade tem tomado um novo rumo, os profissionais na área da educação descobriram que o conhecimento do aluno muito pode contribuir para o desenvolvimento alfabético do mesmo, o aluno deixa de ser parte do processo de alfabetização para ser o mentor desse processo.

A noção de letramento é relativamente recente no cenário educacional e está relacionada à participação dos sujeitos nas práticas comunicativas que têm como eixo a linguagem tanto escrita como falada, em sociedades letradas. O desenvolvimento da língua escrita como um todo se faz de um modo concreto, não só nas atividades escritas, mas nas atividades orais, inclusive a leitura. Já que a escrita das pessoas letradas é muito marcada pela fala, este quadro se modifica dependendo do que se tem nos círculos letrados, diferenciando-se, portanto entre as classes sociais.

Soares (1998) definiu letramento como o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e a escrever, ou seja, o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como a consequência de ter-se apropriado da escrita.

Alfabetizar crianças e jovens no modelo tradicional tende a ser um problema quando a concepção de alfabetização tem como fim levar a criança apenas ao domínio do código linguístico, mais precisamente codificar e decodificar. O processo de alfabetização deve transcender tal objetivo, daí a noção de letramento ser tão importante quando o assunto é ensino-aprendizagem do sistema de escrita alfabética, como veremos ao longo deste trabalho.

Nas propostas modernas (MEC-PCN, 1997), os objetivos fundamentais que norteiam o processo de escolarização referem-se à formação do bom leitor e produtor de texto, ou seja, tornar o aluno mais atento (consciente) possível aos diferentes usos da língua, seja na modalidade escrita ou na modalidade oral. Isto inclui o domínio formal e funcional dos diferentes gêneros textuais. Obviamente, isso não é tarefa de um único professor, mas de todo o corpo docente; trata-se de um trabalho coletivo que envolve todos os profissionais que atuam na área de língua portuguesa. No

entanto, esse processo não flui naturalmente, tem que haver um projeto pedagógico estabelecido para que isso ocorra, esse é um desafio a ser superado.

No modelo ideológico de letramento, o que se destaca é que “todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder numa sociedade” (KLEIMAN 2001, p. 38). O alfabetizar e o letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, o que implica a inserção do indivíduo no mundo letrado, fazendo-o cidadão crítico que se adequa às práticas sociais, atuante no desenvolvimento de produção e consciente de que é possível realizar ações para melhorias no meio em que vive.

Devido à diferença entre alfabetizar e letrar, há uma tendência de alguns profissionais não compreenderem que não pode ocorrer dissociação (separação absoluta) entre esses dois processos (alfabetização e letramento). Quando isto ocorre, em alguns casos o aluno deixa de ser plenamente alfabetizado na perspectiva do letrar.

Para alfabetizar letrando, faz-se necessário uma gama de conhecimentos que devem ser bem aplicados nos momentos devidos, adequando o conteúdo de acordo com o desenvolvimento individual sem detrimento na desenvoltura dos demais, ou seja, depois de detectado que o aluno tem condições de avançar com maior facilidade ou que tem dificuldade é preciso dar condições para que tal aluno se desenvolva sem prejudicar os demais proporcionando um meio que mesmo sendo coletivo, seja adaptado para tratar situações individuais.

Com base em tudo em que foi exposto até aqui, tornar-se relevante uma pesquisa acadêmica que traga para a discussão o tema do letramento e da alfabetização na concepção de 3 (três) professores do ensino fundamental – 1º ao 3º ano –, de uma escola municipal localizada na cidade de Ariquemes, estado de Rondônia (RO).

O pressuposto que sustenta este estudo é de que, embora a temática do letramento esteja fortemente presente no interior do discurso escolar e nas discussões atuais concernentes à educação e ao ensino no Brasil (SOARES, 2009), os professores tendem a conceber alfabetização e letramento indistintamente, sem levar em consideração as especificidades que os norteiam. Partindo desse pressuposto, formula-se a hipótese de que há uma tendência de se alfabetizar sem letrar ou letrar sem alfabetizar.

Desse modo, com base na hipótese esboçada, formulam-se as seguintes perguntas de pesquisa que orientam este trabalho, a saber:

- a) O letramento é trabalhado pelos professores envolvidos na presente pesquisa? Em caso afirmativo, como se dá a abordagem do letramento no contexto de alfabetização?
- b) As práticas didático-pedagógicas voltadas ao processo de alfabetização propostas pelos professores favorecem a inserção do aluno no universo do letramento? Em caso afirmativo, que tipo de práticas são formuladas a esse propósito?
- c) Que concepções de alfabetização e letramento estão implicadas na prática dos professores?
- d) Como se dá a relação entre alfabetização e letramento na prática dos professores?

Como já dito, o objetivo geral da presente pesquisa consiste em contribuir com os estudos que tratam do tema sobre Alfabetização e Letramento, procurando compreender o modo como ambos os processos são trabalhados no interior de uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de Ariquemes, RO. Mais exatamente, nossa pesquisa de campo será realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Roberto Turbay, com turmas que correspondem a uma do 1º e 2º e uma do 3º ano e do ensino fundamental, no total de aproximadamente 50 (cinquenta) alunos, e 3 (três) professores, um para cada turma.

Como objetivos específicos, nossa pesquisa busca:

- a) Observar os modos de abordagem do letramento na relação com o processo de alfabetização;
- b) Analisar as práticas didático-pedagógicas de professores alfabetizadores, observando se elas favorecem a inserção do aluno no universo do letramento;
- c) Compreender as concepções de alfabetização e letramento implicadas na prática dos professores e, finalmente,
- d) Verificar a relação entre alfabetização e letramento na prática dos professores envolvidos na presente pesquisa.

Em nossa pesquisa serão feitas observações *in loco* para que possamos compreender os modos de abordagem da alfabetização e letramento, bem como a concepção de letramento que permeia a prática didático-pedagógica dos professores. Para isso, valer-nos-emos de: a) questionário constituído de questões abertas direcionado à professora da turma objeto da pesquisa; b) materiais tais como atividades didático-pedagógicas utilizadas em sala de aula e, finalmente, c) fotos tiradas do interior da escola por nós.

A fim de situar o leitor a respeito do modo de organização deste trabalho, vale dizer que ele será constituído de quatro partes. No primeiro capítulo, após a Introdução, o objetivo é trazer para a consideração uma reflexão sobre o trio língua, sujeito e conhecimento a partir de uma abordagem interacionista da linguagem. No segundo capítulo, abordar-se-ão as considerações a respeito do tema alfabetização e letramento a fim de compreender a especificidade de cada um e suas relações. Para isso, apoiar-nos-emos nas reflexões produzidas por Magda Soares (2009), entre outros pesquisadores que se dedicam a questões que giram entorno das relações entre alfabetização e letramento. Já o terceiro capítulo, faremos um delineamento das condições de produção que envolvem a escola investigada de modo que possamos visualizar o contexto sócio-histórico do objeto de nossa investigação e, finalmente, o quarto capítulo tratará da análise dos recortes produzidos ao longo da pesquisa de campo.

Na sequência, apresentaremos as considerações finais, quando procuraremos fazer uma síntese a respeito do que foi trabalhado ao longo da pesquisa. Por fim, o leitor poderá vislumbrar as referências bibliográficas e os anexos.

Capítulo I

Língua, sujeito e escola: uma breve discussão

Neste capítulo, pretendemos trazer para a consideração uma reflexão a respeito do modo como pensamos o trio **língua, sujeito e conhecimento/aprendizagem** para, nos capítulos subsequentes, tecermos uma discussão que contemplará a relação estabelecida entre os processos de alfabetização e letramento. Para isso, valer-nos-emos de uma abordagem interacional que, como o próprio nome indica, traz em seu bojo a ideia fundamental de que aprendemos uma língua sempre na relação com o outro, relação esta constitutiva. Dito de outro modo, consideramos que a aquisição da língua materna (o que serve também para pensar a aquisição de uma língua estrangeira) supõe necessariamente a interação de sujeitos inseridos no interior de um contexto social, histórico e ideológico. É, portanto, a partir dessa perspectiva teórica que teceremos o presente capítulo.

1.1 Concepção de língua

É recorrente, no imaginário social¹, a ideia de que a língua é um mero instrumento que serve para comunicar. A nosso ver, o problema em considerar a afirmação de que a língua é meramente um instrumento diz respeito ao fato de que, em sendo instrumento, pressupõe-se que a língua pode ser adquirida, emprestada e/ou descartada bem aos moldes do ideário capitalista. Dentro dessa lógica, tudo se passa como se a língua não fizesse parte constitutiva do sujeito, mas sim um seu acessório que é possível adquirir e/ou se livrar quando for necessário. Ao contrário, de nossa posição, a língua, longe de ser um instrumento, é lugar de constituição da subjetividade e de construção de traços identificatórios no sujeito. Ela é responsável, pois, pela estruturação do psiquismo e produção das memórias que constituem o sujeito. Em síntese, a língua constitui o sujeito, atravessa o seu corpo (corpo de linguagem, portanto simbólico por excelência).

Vale dizer ainda que a língua é responsável por aquilo que chamamos “realidade”. Embora a realidade seja uma construção (um constructo social, ou melhor, sócio-histórico e ideológico) que se dá por meio da língua(gem), ela fornece a ilusão de realidade do pensamento².

¹ Do ponto de vista do discurso, o imaginário pode ser compreendido como o **espaço de organização dos sentidos**.

² Ou seja, a língua fornece-nos a ilusão de realidade do pensamento. Tal realidade é uma construção, como dissemos, construída pela língua(gem). Neste sentido, é certo afirmar que cada língua recorta o real diferentemente. Não é à toa

Dessa perspectiva, a noção de erro, no sentido em que o discurso normativo a concebe (Gramática Normativa) não condiz. Isto é, aquilo que o senso comum e, principalmente, o discurso normativo, chamam de “erro” é, para a perspectiva interacionista, marca do sujeito (de sua subjetividade) que indica que o mesmo está interagindo e estabelecendo relações com os conteúdos legitimados pelo discurso da escola. Por isso, não se trata de erro; é, isto sim, um traço simbólico de que as “coisas a saber” estão fazendo sentido no sujeito.

Ao mesmo tempo, não negamos que exista uma norma padrão (variação padrão ou culta) pela qual a escola é responsável por ensinar. A esse respeito, Possenti (2001, p. 33) afirma: “O objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco, político e pedagógico.”

1.2. Concepção de sujeito

Nenhum sujeito nasce já sujeito. A esse respeito, concordamos com a posição materialista de Althusser que afirma que há uma interpelação do indivíduo em sujeito, o que implica compreendê-lo como um produto da história. Portanto, o que há é um indivíduo que é “chamado” (leia-se, interpelado) a ser sujeito dentro de uma sociedade e língua específicas. Dito de outro modo, tal interpelação se dá pela inserção do indivíduo em uma dada cultura, em uma história, em uma sociedade. É justamente esse processo que torna o indivíduo sujeito: sujeito à língua e à história. Mais exatamente: para enunciar, o sujeito o faz por meio de uma língua que significa dentro de um contexto histórico, ideológico específicos. Assim sendo, é por meio dessa inserção (processo de socialização com o outro languageiro) que se dá a passagem de indivíduo para sujeito.

Do viés interacionista da linguagem, é certo afirmar que o sujeito não é uma *tabula rasa*³, ou seja, uma folha de papel em branco que será preenchida quando de sua entrada na escola. Quando o sujeito adentra a escola, ele leva consigo todo um saber que fora construído dialeticamente com os seus (pais, parentela, igreja, rua, mercado, coleguinhas etc.). A título de exemplificação, basta considerar a seguinte situação linguística: **a escola já recebe o aluno falando**, ele não aprende a falar quando inicia sua vida escolar. A esse respeito, Possenti (2001, p. 34) afirma: “A escola não

que a cultura do outro tende a produzir um estranhamento no sujeito (abala-se seu sistema de representação do mundo), porque se trata de outro recorte da realidade, um sistema de significação diferente, não por isso melhor ou pior, simplesmente diferente.

³ *Tabula rasa* é uma expressão latina que significa literalmente “tábua raspada”, e tem o sentido de “folha de papel em branco”. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tabula_rasa. Acesso em: 07 de julho de 2014.

ensina língua materna a nenhum aluno. Ela recebe alunos que já falam (e como falam, em especial durante nossas aulas!...) ⁴. Isso significa que a escola não o recebe no grau zero do conhecimento. A esse respeito, vale dizer que há uma tendência de ser considerar o sujeito como um embrião de conhecimento. A escola comparece no imaginário social como lugar responsável pela transformação desse sujeito: tirá-lo de seu estágio de ignorância para dar-lhe civilidade, conhecimento.

1.3. Noção de conhecimento e aprendizagem

Como afirmamos na introdução deste capítulo, da perspectiva interacionista da linguagem, é certo dizer que a aprendizagem não é algo mecânico, que se dá solitariamente nem se dá automaticamente. Vários autores, como Piaget (1973), Vygotsky (1989), entre outros, afirmam que a aprendizagem se dá por meio da atividade do sujeito aprendiz. Atente-se para o nome “atividade” que está ligada à ação, ação esta que se faz na relação constitutiva com o outro languageiro, social, histórico.

Piaget assevera que “o indivíduo não poderia organizar suas operações num todo coerente se ele não se engajassem nas trocas e cooperação com o outro” (1973, p. 163). Daí a importância do outro (seja a instituição familiar, religiosa, escolar etc., principalmente esta última) no processo de construção do sujeito, de sua identidade e subjetividade.

Dentro da abordagem interacionista, é certo dizer que o conhecimento e a aprendizagem se fazem dentro de um contínuo e sempre a partir de uma relação dialética eu-outro. Diferentemente da concepção bancária da educação, tão criticada por Paulo Freire. Na concepção bancária (burguesa), o educador é o que sabe e os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa e os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra e os educandos, os que escutam docilmente; o educador é o que opta e prescreve sua opção e os educandos, os que seguem a prescrição, o educador é o sujeito do processo, enquanto os educandos são meros objetos. O que fica pressuposto na relação estabelecida pela concepção bancária de educação é a manutenção da divisão entre os que sabem e os que não sabem, entre oprimidos e opressores. Com isso, ela nega a dialogicidade (o diálogo com o outro), ao passo que a educação problematizadora (método da

⁴ Diferentemente do que acontece com a chamada dita *língua culta* (também conhecido como *variação padrão/padrão*), que é, pois, ensinada por meio de práticas didático-pedagógicas específicas.

problematização) funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando: ambos aprendem juntos. (GADOTTI,1989. p.69)

A educação – o que pressupõe, conhecimento, aprendizagem –, longe de ser um ato de depositar, deve ser lugar de troca, de construção, de dialética constante.

Capítulo 2

Alfabetização e letramento: dois lados de uma mesma moeda?

Este capítulo tem por objetivo fundamental apresentar algumas definições de alfabetização e letramento, suas especificidades e diferenças, para que possamos, no capítulo subsequente, avançar na análise pretendida. A título de esclarecimento, será produtivo, neste momento da pesquisa, apoiarmo-nos em estudiosos vinculados a vertentes teóricas que tratam deste assunto em razão de sua importância para o aprofundamento da presente pesquisa.

2.1 Alguns Conceitos de Alfabetização

Para Ferreiro (2012)⁵ estar alfabetizado é poder transitar com eficiência e sem temor numa intrincada trama de práticas sociais ligadas à escrita. Ou seja, trata-se de produzir textos nos suportes que a cultura define como adequados para as diferentes práticas, interpretar textos de variados graus de dificuldade em virtude de propósitos igualmente variados, buscar e obter diversos tipos de dados em papel ou tela e também, não se pode esquecer, apreciar a beleza e a inteligência de um certo modo de composição, de um certo ordenamento peculiar das palavras que encerra a beleza da obra literária. Se algo parecido com isso é estar alfabetizado hoje em dia, fica claro por que tem sido tão difícil. Não é uma tarefa para se cumprir em um ano, mas ao longo da escolaridade. Quanto mais cedo começar, melhor.

Ferreiro (2012)⁶, acrescenta dizendo que mudou a concepção social do alfabetizado. O que se requer de uma pessoa alfabetizada hoje em dia é bem diferente do que em meados do século 20. Não é mais suficiente saber assinar o nome e conseguir ler instruções simples, como era na época da Segunda Guerra Mundial. Do ponto de vista dos usos sociais da escrita no mundo contemporâneo, o que se observa é uma complexidade cada vez maior. As circunstâncias de uso de leitura se tornaram muito frequentes e variadas. O que não mudou é o tipo de esforço cognitivo exigido por esse sistema de marcas que a sociedade apresenta em espaços muito variados e a instituição escolar é

⁵ Em uma entrevista a Revista nova Escola online 2006. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/momento-atual-423395.shtml>. Acesso em 23 abril de 2014.

⁶ Em uma entrevista a Revista nova Escola online 2006. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/momento-atual-423395.shtml>. Acesso em 23 abril de 2014.

obrigada a transmitir. O problema da relação entre essas marcas escritas e a língua oral continua sendo um mistério total nos primeiros momentos da alfabetização.

Os multimétodos acabaram com a simples ‘soletração’ e focaram no ensino das habilidades. As pessoas alfabetizadas por esses métodos passaram a ser consideradas multiletradas (SANTOS, CARMI FERRAZ; 2007, p.11)

Historicamente, como bem observa Soares (2003), o conceito de alfabetização se identificou como ensino-aprendizado da "tecnologia da escrita, quer dizer, do sistema alfabético de escrita, o que, em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de codificar os sinais gráficos, transformando-os em "sons", e na escrita, a capacidade decodificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos” (SOARES, 2003, p.10-11).

De acordo com Soares (2000), a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto com as práticas sociais de leitura e de escrita, no uso das atividades de letramento, podendo ser desenvolvidas por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema através da alfabetização.

Conforme ensina-nos Kleiman (2005), a partir do momento em que o letramento é concebido como o objetivo central da ação pedagógica, o movimento será sempre da prática social para o conteúdo. Neste sentido, pode-se dizer que o letramento é tão importante quanto à alfabetização; ele transcende o processo de alfabetizar ou, noutros termos, ele vai além do alfabetizar.

Com a evolução das diferentes tecnologias (computadores, internet, livros etc.) e o surgimento de novos tipos textuais (o gênero *email* é um bom exemplo disso),-já não basta ser alfabetizado, isto é, ser capaz de codificar e decodificar signos linguísticos. Há isto sim, a necessidade de também se elevar o nível de letramento.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, é o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2007. P.40).

Com base na pesquisa bibliográfica levantada pela pesquisadora, é certo afirmar que o nível de letramento é determinado pela variedade de gêneros de textos escritos que a criança ou adulto reconhece. A criança que vive em um ambiente em que se leem livros, jornais, revistas, bulas de remédios, enfim, e qualquer outro tipo de literatura (ou, em que se conversa sobre o que se leu, ou mesmo, em que uns leem para os outros em voz alta, leem para a criança enriquecendo com gestos e

ilustrações), o nível de letramento tenderá a ser superior ao de uma criança cujos pais não são alfabetizados e não tiveram o privilégio de conviver com pessoas que pudessem favorecer o contato com o mundo letrado; pois letramento refere-se ao uso da escrita não somente na escola, mas em todo lugar, pois a escrita faz parte do dia a dia da maioria das pessoas. (KLEIMAN. 2005, p. 6)

Segundo Soares (2001), é possível alfabetizar letrando, ainda que os conceitos de alfabetização e letramento apresentem cada qual as suas diferenças e especificidades. Dito de outro modo, é produtivo alfabetizar o aluno dentro do contexto das práticas sociais da leitura e da escrita: inserindo o aluno dentro do universo da alfabetização por meio de livros, textos diversos (de gêneros distintos), leitura, brincadeiras (jogos a partir dos quais possa desenvolver habilidades de leitura e escrita), em uma palavra: por meio de práticas significativas⁷. O que significa dizer que, no entanto, que tais especificidades não são suficientes para estabelecer uma fronteira rígida. As características que cada qual traz em sua constituição não resultam em sua separação, uma vez que, segundo a perspectiva adotada nesta pesquisa, tais conceitos são interdependentes: um depende do outro.

Compreender a educação sistemática que a criança possui antes de adentrar a escola é importante no que diz respeito às questões em torno da alfabetização da criança, que chega à escola com um aprendizado adquirido com as práticas sociais vivenciadas em sua comunidade linguística (familiar). Para Ferreiro (2010), a escrita faz parte de tudo que a criança vê antes de adentrar na escola, já o letramento é a inserção do indivíduo em uma sociedade que sabe ler e escrever, e se apropria disso.

Ensinar a criança a ler e escrever através do seu cotidiano facilita o aprendizado da mesma no contexto social da prática na leitura e escrita, sabendo isso é importante ressaltar a afirmação que faz Albuquerque (2007) de que é comum falar do grande índice de analfabetos, mas não de iletrados. Daí a importância, como já apontado anteriormente, do estudo proposto por essa pesquisa. Observemos as palavras de Tfouni (2010, p. 24),

O termo “iletrado” não pode ser usado como antítese de “letrado”. Isto é, não existe, nas sociedades modernas, o letramento “grau zero”, que equivaleria ao “iletramento”. Do ponto de vista do processo sócio histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são “graus de letramento”, sem que com isso se pressuponha sua inexistência.

⁷ Entendemos por “práticas significativas” aquelas práticas didático-pedagógicas que fazem sentido, isto é, que permitem ao aluno pensar, estabelecer relações de sentidos várias. Em uma palavra, práticas contextualizadas. Tais práticas geralmente são produzidas dentro de um contexto específico, diferentemente daquelas que se pautam no universo da **repetição mnemônica**, também chamada de **repetição papagaio**, em que o sujeito apenas repete sem estabelecer sentido com o saber (ORLANDI, 1999).

Ao longo dos anos (décadas de 60, 70 e 80, por exemplo), a alfabetização tem sofrido muitas mudanças no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. Tais mudanças têm motivado diversos autores, oriundos dos mais diferentes campos epistemológicos, a desenvolverem pesquisas sobre esse tema. As diferenças entre letramento e alfabetização resultam em uma discussão que perdura há alguns anos. Isto se dá, em sua maioria, devido aos diferentes modos de se compreender esse tema, o que tem causado divergência entre alguns autores. Assim, o assunto em pauta consiste em compreender as diferenças e semelhanças que constituem esses dois processos de ensino, levando em consideração as suas especificidades e sua importância para o desenvolvimento educacional da criança.

Letramento e alfabetização têm sido muito explorados por pesquisadores nos últimos anos e tem sido um assunto que tem gerado trabalhos importantes, colaborando, desse modo, para novas descobertas e experiências no campo da educação. Pode-se notar que é impossível dissociar letramento de alfabetização, porém ambos os conceitos não podem ser confundidos, fato este bastante comum no interior das escolas, tal como temos observado em relatos feitos por pesquisadores e como estagiários em escolas públicas.

Kleiman (2005) traz para a consideração uma reflexão importante e esclarecedora para que não se produzam equívocos no modo de compreensão e mobilização desses conceitos. A prática de alfabetização, conforme esta pesquisadora,

se concretiza em eventos que se situam dentro de uma sala de aula, liderados por um especialista (o professor) que se encarrega de ensinar sistematicamente as regras de funcionamento e uso de códigos alfabéticos aos iniciantes no assunto (os alunos). Ambos – professor e alunos – têm relações sociais predeterminadas: um anima, organiza, avalia; os outros respondem, realizam as atividades propostas. (KLEIMAN, 2005, p. 13)

Assim sendo, aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, qual seja, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita (SOARES, 1998). Da posição assumida nesta pesquisa, pode-se afirmar que esse processo não garante que o sujeito incorpore para si a prática da leitura e da escrita, ou seja, “não necessariamente adquire competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita” (SOARES, 1998, p. 45 e 46).

É muito comum, no cenário da educação brasileira, alunos saírem das escolas tanto do ensino fundamental como o médio com o rótulo de “alfabetizados”, “sabendo” ler e escrever, mas, o que as pesquisas apontam e temos assistido nos últimos tempos é o fato de que muitos alunos não terem incorporado a prática da leitura e da escrita em suas vidas. A maioria não adquiriu competência (no sentido forte do termo) para usar a leitura e a escrita nos mais diferentes contextos

sociais: não leem livros, jornais, revistas, manuais, documentos em geral, sentem dificuldade de escrever um texto com coesão e coerência e que apresente argumentos consistentes, bem estruturados e fundamentados. O contexto universitário, em especial os professores têm sentido essa realidade de modo especial: os alunos chegam ao primeiro ano geralmente com um déficit acentuado de leitura e produção escrita, estendendo-se ao longo dos anos na universidade e também, é verdade, após o seu término.

A característica fundamental que distingue o letramento da alfabetização é o fato de aquele não se constitui em um ensino sistemático. Ele consiste, isto sim, na apropriação da escrita, mais precisamente em “assumi-la como sua “propriedade””⁸ (SOARES, 1998, p. 39).

O letramento veio a ser objeto de discussão por parte de pesquisadores e professores por volta da década de 80⁹.

Ferreiro (2005) salienta que

as atividades de interpretação e de produção da escrita começam antes da escolarização, como parte da atividade própria de idade pré-escolar; a aprendizagem se insere (embora não se separe dele) em um sistema de concepções previamente elaboradas, e não pode ser reduzido a um conjunto de técnicas perceptivo-motoras. (FERREIRO, 2005, p.43)

Segundo Kleimam (2005) “a prática de alfabetização, que tem como objetivo o domínio do sistema alfabético e ortográfico, precisa de ensino sistemático, o que a torna diferente de outras práticas de letramento, nas quais é possível apenas aprender olhando os demais fazerem.”

Entende-se que o processo utilizado para dominar o ler e o escrever é a alfabetização. É válido ressaltar que na alfabetização adquire-se a técnica que pode caminhar juntamente com a prática que é o letramento, ou seja, o sujeito pode aprender dentro de um contexto específico e significativo. Sendo assim, a alfabetização deixa de resultar na mera aquisição de um código descontextualizado da situação de produção, passando, desse modo, a ter uma função social e cultural na vida dos sujeitos aprendizes. Nas palavras de Soares (2003, p. 37),

⁸ Conservamos as aspas da autora.

⁹ O termo letramento origina-se do inglês, *literacy*, que significa “a condição de ser letrado”, já o adjetivo *literate* significa a pessoa que domina a leitura e a escrita (SOARES, 1998).

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar o seu *lugar* social, seu *modo de viver* na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente. (SOARES, 2003, p.37)

A criança é inserida na escola para aprender a ler e a escrever, entre outros. Desse modo, é certo dizer que o dever da instituição de ensino consiste em buscar estratégias para alcançar metas predeterminadas para *alfabetizar letrando*.

Soares (1995, 1996) analisa a concepção funcional de alfabetização, alertando que, apesar da aparência progressista, trata-se de uma proposta em direção às demandas da produção capitalista e do avanço tecnológico, que passaram a exigir um trabalhador mais qualificado, o que significa, também, um trabalhador letrado e alfabetizado.

2.2 Reflexões sobre o letramento

O termo “letramento” é relativamente novo quando comparado principalmente com o termo “alfabetização”. Ele surge no contexto da educação e das ciências humanas, distinguindo-se, sobremaneira, dos sentidos comumente atribuídos à alfabetização. Pode-se afirmar, com base na literatura estudada para a produção deste trabalho, que o letramento constitui-se como um acontecimento de importância capital, uma vez que a qualidade com a qual ele é trabalhado pode garantir a formação de leitores conscientes e produtivos em uma sociedade como a nossa permeadas por uma infinidade de tipos textuais e das diferentes relações languageiras existentes. Assim, se o letramento for trabalhado consistentemente na relação conjunta com a alfabetização, por professores com uma formação acadêmica sólida, podem resultar em um significativo avanço no desenvolvimento dos futuros cidadãos refletindo em uma sociedade menos desigual e excludente.

A noção de letramento é recente no cenário educacional e está relacionada à participação dos sujeitos nas práticas comunicativas que têm como eixo a linguagem tanto escrita como falada, em sociedades letradas. O desenvolvimento da língua escrita como um todo se faz de um modo concreto, não só nas atividades escritas, mas nas atividades orais, inclusive a leitura. Já que a escrita das pessoas letradas é muito marcada pela fala, este quadro se modifica dependendo do que se tem nos círculos letrados, diferenciando-se, portanto entre as classes sociais.

Segundo Kleiman (2007), o letramento é compreendido como “um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar”. Isto se dá, segundo

a autora, porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana, o que significa dizer, em outras palavras, que a escrita faz parte constitutiva de praticamente todas as situações do cotidiano da maioria das pessoas.

Desse modo, para ser letrado (não só pra jovem e criança), não basta simplesmente saber ler e escrever, é fundamental, isto sim, saber compreender os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade e produzir, igualmente, bons textos com coesão e coerência. A escola deve mostrar ao aluno que ele é capaz de desenvolver essas habilidades concernentes tanto à leitura quanto à escrita. Somente assim teremos alunos ao mesmo tempo alfabetizados e letrados.

[...] o conhecimento da função do objeto cultural envolvido pode ser suficiente para o indivíduo ser considerado letrado”. Em outras palavras, uma pessoa não-alfabetizada que conhece a função do bilhete, da carta das etiquetas e dos rótulos de produtos, participa, mesmo que de forma marginal, das práticas letradas de sua comunidade e, por isso, é considerada letrada (KLEIMAN, 2005, p.14)

Assim sendo, para ser letrado não é preciso ser necessariamente alfabetizado, isto é, passar por um ensino sistemático centrado no código exclusivamente. É preciso considerar que o sujeito, antes mesmo de sua entrada no contexto escolar, já está inserido em uma sociedade letrada, repleta de discursos, textos, palavras, letras e sons. O contato com a escrita, em seu contexto formal, é geralmente vivenciado quando da entrada do sujeito na escola. No entanto, antes mesmo de adquirir a habilidade escrita, ele já está numa sociedade para qual a escrita tem um papel determinante. A vida cotidiana demanda uma relação decisiva com a escrita, isto porque, de acordo com Ferreira (2010, p.44), “a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”.

Observar a escrita como algo cultural e não meramente como um produto escolar significa compreender que a escrita é algo que pertence à sociedade, e não um conhecimento exclusivo de um sujeito – o professor – que compartilha, em algum momento com o educando. Infelizmente não é isso que muitos docentes e educandos pensam quando adentram ao ambiente escolar.

Soares (2009) ressalta que:

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”. (SOARES, 2009, p.39)

A escrita não é apenas uma ferramenta para ser aplicada quando necessário. Ao contrário, ela constitui-se como um momento fundamental na constituição de sua identidade. Noutros termos,

uma vez que a escrita passa a fazer parte da vida do estudante, ela torna-se sua, sua posse legal. Por meio dela, o leitor se subjetiva, isto é, torna-se sujeito de uma sociedade em que a escrita comparece como um lugar poderoso. Por meio dela, a sua voz, na sociedade letrada (e, fundamentalmente, grafocêntrica) passa a ter valor, sentido, legitimação.

Nas palavras de Soares (2009),

Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada (tomando este adjetivo no campo semântico de letramento e de letrar, e não com o sentido que tem tradicionalmente na língua, este dicionarizado) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias. (SOARES, 2009, p.3)

Ferreiro (2009)¹⁰ rejeita a coexistência dos dois termos, com o argumento de que a alfabetização compreende o conceito de letramento, e vice-versa, o que seria verdade, desde que se convencionasse que o processo de alfabetização transcendesse a aprendizagem meramente grafo-fônica, conceito tradicionalmente atribuído a esse processo, ou que em letramento se estaria incluindo a aprendizagem do sistema de escrita.

2.3 Alfabetizar *letrando*: um desafio ao alfabetizador

Portanto, vale ressaltar que a alguns autores enfatizam a ideia de se alfabetizar letrando, que é trazer para sala de aula situações que o aluno vivencia fora dela, no seu contexto social, para aprimorar o seu aprendizado: apropriar-se do alfabeto ao mesmo tempo em que pratica a leitura e a escrita, despertando o desejo do mesmo pela aprendizagem.

Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético (ALBUQUERQUE, 2007, p.98).

Compreender a importância de se alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, é uma preocupação de alguns professores, enquanto outros acham que ao fazer um não se precisa realizar o outro tendo a concepção de se tratar da mesma coisa. A esse respeito concordamos com Albuquerque (2007, p. 110) quando afirma que: “É preciso que as atividades que contemplem os usos sociais da leitura e

¹⁰ Em uma entrevista à revista Nova Escola (Ano XVIII, 162, maio de 2003, p.30).

da escrita e aquelas que se relacionam à apropriação do sistema de escrita caminhem juntas. Ou seja, é preciso alfabetizar letrando”.

Conforme a bibliografia estudada para esta pesquisa, é certo afirmar que o letramento tem como objeto de reflexão, de ensino, ou de aprendizagem os aspectos sociais da língua escrita. A entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. A pergunta estruturadora/estruturante do planejamento das aulas tem que ser: quais os textos significativos para o aluno e para sua comunidade, em vez de: qual a sequência mais adequada de apresentação dos conteúdos (geralmente, as letras para formarem sílabas, as sílabas para formarem palavras e das palavras para formarem frases) (GALDINO, 2010).

Alguns autores criticam severamente aos profissionais da educação que usam apenas os livros didáticos para o ensino, pois acreditam que tais manuais não são suficientemente adequados com a realidade do aluno, não permitindo que o alunado tenha contato com texto que seria prática no seu dia a dia.

Com relação aos livros didáticos de língua portuguesa, sejam os destinados às séries mais avançadas, sejam os destinados à alfabetização, a crítica que se fazia é a de que tais manuais estavam pautados numa visão de língua escrita meramente como um “código”, cuja aprendizagem consistia no desenvolvimento da capacidade de “codificar” e “decodificar”. Outro aspecto criticado é o caráter meramente escolar das atividades de leitura e escrita presentes nos manuais didáticos, sem relação com as práticas sociais de leitura e escrita realizadas fora da escola. (Santos, Carmi Ferraz; 2007. p.113) .

Observa-se que tanto quanto a escola, os professores ocupam um papel muito importante na formação do indivíduo, a fim de que ele seja inserido no universo do letramento por meio de seu trabalho pedagógico. Neste sentido, concordamos com a afirmação de Carvalho (2010),

A escola pode contribuir de muitas maneiras para formar indivíduos não apenas alfabetizados, mas também *letrados*. Desde a alfabetização, apresentar uma ampla variedade de textos é favorecer um mergulho no mundo da escrita, com a exploração de mil e uma possibilidades. (CARVALHO, 2010, p.15)

Segundo Albuquerque (2007), este é um desafio tamanho para os professores e os que pretendem ser um dia professores da alfabetização de séries iniciais, qual seja: fazer com que o sujeito/aluno domine a leitura e escrita enquanto práticas sociais que constituem a sociedade em que está inserido. Nas palavras do autor,

Esse tem sido o desafio colocado para todos os que hoje são responsáveis pela alfabetização de milhões de crianças deste país. Proporcionar a essas crianças o efetivo domínio tanto da linguagem escrita quanto da escrita da linguagem. Só assim poderemos formar sujeitos que leiam e escrevam com autonomia e competência (ALBUQUERQUE, 2007, p.110).

Levando em conta a defasagem na leitura e escrita das crianças e jovens, recorreremos à noção de letramento e buscamos averiguar as relações entre o processo de letramento e o processo de alfabetização.

De acordo com a UNESCO, “é letrada a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana”. (UNESCO, 1978, apud Soares, 1998, p. 4).

Soares (2009), de certa forma, critica essa posição da UNESCO, pois, ao responder a um questionário, por exemplo, do censo feito pelo recenseador¹¹, o indivíduo coloca as respostas de acordo com parâmetros escolares no qual foi inserido durante o período escolar, ou seja, ele é considerado letrado em função do conceito de letramento escolar e não em função de habilidades e práticas sociais fortemente presentes em seu dia a dia (principalmente fora da escola), portanto se ele não frequentou a escola ele se considera analfabeto ou iletrado.

Uma das razões que pode explicar a desconsideração da definição proposta no manual de instrução é provavelmente a dificuldade de saber exatamente o que ela significa: qual deveria ser a extensão de “uma mensagem simples”? quantas unidades de informação ela deveria incluir? Em que nível de proficiência ela deveria ser lida ou escrita? O que quer dizer “com compreensão”? etc. (SOARES, 2009, p. 93)

Para Leite (2008), os indivíduos com baixo grau de escolaridade ou que não frequentam a escola apresentam baixo nível de letramento, mas não podem ser considerados iletrados. Isso porque denomina-se *letrado* aquele que, de certa forma, sofre a influência, ainda que indiretamente, das práticas sócias da leitura e escrita. Segundo Soares (2009), que é especialista no tema em questão, afirma que:

Na verdade, as habilidades e práticas de letramento, em outros contextos sociais, parecem ir muito além das habilidades de leitura e escrita ensinadas e medidas em contextos escolares, ou seja, muito além de um letramento escolarizado. Em outras palavras, por meio da escolarização, as pessoas podem se tornar capazes de realizar tarefas escolares de letramento, mas podem permanecer incapazes de lidar com usos cotidianos de leitura e escrita em contextos não escolares – em casa, no trabalho e no seu contexto social. De fato, o termo “letramento funcional” foi criado justamente para ampliar o conceito de letramento definido pela escola, acrescentando a ele comportamentos letrados cotidianos que a aprendizagem formal em contextos escolares não parece promover. (SOARES, 2009, p. 101)

¹¹ A título de esclarecimento, recenseador é o funcionário do IBGE.

Apesar de letramento e alfabetização serem inseparáveis, são processos que apresentam especificidades distintas; cada um deles precisa ser desenvolvido de forma didática e diferenciada para que se garanta êxito no processo de ensino-aprendizagem. O esquema abaixo pretende ilustrar a integração das várias dimensões do aprender a ler e escrever no processo de alfabetizar letrando:



12

¹² <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>

Capítulo 3

Condições de produção da pesquisa: contexto sócio-histórico

Neste capítulo, serão delineadas as condições de produção da pesquisa, isto é, os aspectos principais que entram em jogo no objeto de nossa pesquisa: a escola. Além disso, descreveremos o método utilizado para a obtenção do conhecimento científico.

3.1. Iniciando a conversa

Demo (1995) conceitua metodologia como:

Estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer à ciência. É uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa. Ao mesmo tempo em que visa conhecer caminhos do processo científico, também problematiza criticamente, no sentido de indagar os limites da ciência, seja com referência à capacidade de conhecer, seja com referência à capacidade de intervir na realidade. (DEMO, 1995; p.11)

A metodologia utilizada neste estudo foi à pesquisa bibliográfica, pois a mesma oferece meios que auxiliam na definição e resolução dos problemas já conhecidos, permitindo explorar novas áreas do conhecimento que não foram saturadas suficientemente. Ela possibilita também que um tema seja analisado sob novo enfoque ou abordagem, produzindo novas conclusões.

Assim, foram utilizados como fonte de consulta livros, artigos e trabalhos acadêmicos publicados em revistas científicas. Ademais, foi realizada uma pesquisa de campo para melhor compreender o assunto abordado.

Neste capítulo, o objetivo fundamental consistiu em trazer as observações feitas em uma escola do município de Ariquemes com salas de aula com um quantitativo de vinte e vinte cinco alunos a mesma está localizada na periferia da cidade e foi o objeto de pesquisa para realização deste trabalho. Tratou-se de uma pesquisa de campo cujo objetivo era analisar e compreender o entendimento dos professores e como conceituam a alfabetização e o letramento individualmente nas turmas do 1º ao 3º ano de Ensino Fundamental de uma escola pública.

A pesquisa de campo foi constituída por questionários aplicados à diretora e à professora; entrevistas; observação e registro das atividades disponibilizadas pelos professores produzidas por seus alunos. Além disso, foram colhidas atividades pedagógicas feitas pelos alunos. Finalmente, também fizeram parte da pesquisa fotografias realizadas pela pesquisadora. Após a coleta de dados,

houve a análise em busca da compreensão a respeito da realidade observada na prática pedagógica dos professores envolvidos na pesquisa. Esta análise será vislumbrada no capítulo posterior a esse.

3.2 Um Pequeno Histórico da Escola Pesquisada

Antes de iniciar a descrição do histórico da escola em questão, vale dizer que as informações que seguem a longo dessa seção foram obtidas por meio da leitura realizada do PPP (Projeto Político Pedagógico), disponibilizado pela direção da escola.

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Roberto Turbay, está localizada na Rua México, nº 932, Setor 10, cidade de Ariquemes, Estado de Rondônia (RO).

Como já dito, trata-se de uma escola pública sem fins lucrativos que atende cerca de 614 (seiscentos e quatorze alunos) alunos do 1º (primeiro) ao 9º (nono) ano do Ensino Fundamental. Outra conquista da escola bastante significativa, que a torna referência dentro da sociedade ariquemesense, é o seu projeto denominado “BURAREIRO”. Ele destina-se à educação em tempo integral, e trabalha também com o projeto Mais Educação, parceria da escola com o Governo Federal.

A Escola recebeu esse nome em homenagem ao pioneiro e servidor público deste município de Ariquemes S.r. Roberto Turbay. A escola é localizada no subúrbio, sendo frequentada por alunos de baixa renda, ou seja, trata-se de uma área residencial de classe baixa da cidade. A população predominante possui renda de garimpo e assalariado do comércio local, além de receber auxílios do Governo Federal como a Bolsa Família.

A escola já foi contemplada 2 (duas) vezes com o prêmio Escola Nota 10, daí o slogan que que segue abaixo, observe:¹³



¹³ Slogan disponível no endereço eletrônico: <http://www.ariquemes.ro.gov.br/new/?pg=noticia&id=1363>

O objetivo do Projeto Escola Nota 10 consiste em estimular o desenvolvimento da gestão democrática na escola, tendo como foco principal o compromisso com uma aprendizagem dita “de qualidade”. Dentre os diversos objetivos, estão os que seguem: a) valorizar as escolas públicas municipais de Ensino Fundamental e os Centros Municipais de Educação Infantil, que se destaquem pela competência de sua gestão e por iniciativas e experiências inovadoras bem sucedidas na melhoria da aprendizagem e na formação integral dos educandos; b) apoiar a cultura de auto-avaliação da gestão escolar; c) incentivar o processo de melhoria contínua na escola, pela elaboração de planos de ação, tendo como base a sua auto-avaliação; d) tornar o Projeto Escola Nota 10 como Mecanismo Oficial de Acompanhamento e Avaliação do Processo de Gestão da Rede Municipal de Ensino; e) premiar as escolas melhores colocadas no Projeto Escola Nota 10, através do “Prêmio Nenhum a Menos”. A esse respeito, todas as escolas Municipais de Ariquemes são convidadas a participar deste projeto, mobilizando esforços para a organização deste trabalho coletivamente, tendo em vista não apenas a premiação, mas o avanço quantitativo e qualitativo, principalmente no tocante à melhoria do nível de ensino e de aprendizagem dos alunos.

A escola é composta de Diretora e Vice-diretora que são escolhidas por meio de votação entre pais e funcionários da escola. Seu papel principal é tornar-se o líder e o facilitador. É sua função administrar os projetos, coordenar os trabalhos em equipe e valorizar iniciativas traçando metas a serem cumpridas pela equipe a curto, médio e longo prazo. Com base na informação objetiva, a direção apresenta dificuldades para conseguir verbas a fim de melhorar o espaço físico e pedagógico da escola.

As coordenadoras, orientadora, secretária, professor, monitor, técnico de enfermagem, cozinheira, motorista e vigias são selecionados por meio de concurso público. No total há 112 profissionais.

A escola possui 27 (vinte e sete) salas de tempo integral, e desenvolvem diversas atividades, entre elas: leitura, roda de conversa, interpretação de textos, atividades pedagógicas junto aos alunos. Atualmente estudam 614 alunos na escola Roberto Turbay do 1º ao 9º ano.

Há ainda 2 (dois) banheiros construídos para os alunos, sendo que um deles é masculino e outro, feminino, e 2 (dois) banheiros no mesmo seguimento para os professores e profissionais da educação. Vale dizer que a escola possui também um escovódromo, o que indica que a mesma está atenta com a saúde bucal das crianças.

No que diz respeito ao desenvolvimento profissional dos professores, observou-se que o grupo em sua minoria é composto por professores com formação no magistério (antigo 2º grau), sendo que a maioria tem nível superior completo. Mais exatamente, com base na pesquisa feita por nós, há 3 (três) professores com formação no magistério, 18 (dezoito) professores com formação em nível superior completo e 3 (três) professores com nível superior incompleto.

Conforme informação obtida em entrevista com a diretora, aos professores são oferecidos cursos de capacitação através de formação continuada. Segundo a diretora, as formações continuadas acontecem uma vez por mês, além das formações são oferecidos através da Secretaria Municipal de Educação cursos como o “Além das Letras”, o mesmo ocorre durante o ano com encontros mensais onde são discutidos os conteúdos aplicados nas salas de aula com intuito de capacitar o educador. São realizadas reuniões com os professores uma vez por mês sendo tratados assuntos a respeito da elaboração de conteúdos novos, além de materiais pedagógicos e afins.

Resta dizer que a reunião de pais e mestre é realizada a cada bimestre para entrega das notas dos alunos e acompanhamento pedagógico.

Capítulo 4

Análise dos recortes

Neste capítulo apresentaremos o resultado da análise dos materiais coletados durante o trabalho de campo a fim de compreender a concepção de alfabetização e o letramento que permeia a prática pedagógica dos professores envolvidos na presente pesquisa.

4.1 O Questionário Como Instrumento de Pesquisa: conhecendo a estrutura da escola

A pesquisa de campo foi feita durante um período de, aproximadamente, 4 (quatro) meses. A mesma consistiu de observação *in loco* a respeito da rotina da sala de aula. Foram recolhidas atividades pedagógicas da turma de alfabetização elaboradas pelo professor e, também, com a autorização do professor regente, pudemos tirar algumas fotos durante as aulas assistidas por nós.

Produzimos 2 (dois) questionários: um endereçado à Direção da escola e, o outro, à 3 (três) professoras de Alfabetização 1º, 2º e 3º. NO que diz respeito a esse último, nosso objetivo consistiu em compreender o modo como os professores abordam a alfabetização e o letramento do 1º ao 3º ano. A pesquisadora permaneceu dentro da escola pelo menos de 2 (duas) ou 3 (três) dias semana, período em que, além de copiar as respostas oferecidas pelas professoras e a gestão, observou as respostas, bem como o modo de responder das mesmas e coletar os materiais didático-pedagógicos.

Primeiramente foi solicitada a autorização da diretora para que pudéssemos realizar a pesquisa. Em seguida, após o seu aval, iniciaram-se as observações. Serão descritos alguns acontecimentos que ocorreram no período das observações, tendo em vista que eles podem ou não contribuir no processo de desenvolvimento da análise a despeito das representações imaginárias sobre alfabetização e letramento.

Ao realizar a pesquisa de campo, sentiu-se a necessidade de aplicar um questionário para a obtenção de melhor conhecimento da realidade dos professores, fundamentalmente de suas práticas pedagógicas a respeito da concepção alfabetização e letramento. Com a permissão da direção, o questionário foi aplicado a três professoras e à diretora da escola.

Primeiramente o questionário foi aplicado à diretora a fim de colher informações sobre a biblioteca da escola. Nosso interesse foi observar se havia uma forma, adotada pela biblioteca, de

incentivar a leitura. Buscamos algumas informações, a saber: a) saber a frequência de uso da biblioteca pelos alunos; b) conhecer o acervo (tipos de livros) que a biblioteca dispõe, c) o tempo de permanência com os livros e, finalmente, d) verificar a habilidade de leitura dos alunos (o nível em que se encontram).

Já o segundo questionário foi aplicado à uma professora com o objetivo de averiguar o trabalho pedagógico relacionado ao desenvolvimento da alfabetização e do letramento. Além disso, objetivamos conhecer quais cursos de formação a professora tinha participado, bem como quais tipos de formação para o professor alfabetizador a escola oferece. Finalmente, buscamos saber, por meio dos professores alfabetizadores que fazem parte desta pesquisa, qual sua concepção de alfabetização e letramento.

4.1.1 O Resultado das respostas do questionário à diretora

Para a diretora perguntamos, inicialmente, questões concernentes a sua área de formação. A mesma é formada em Pedagogia com ênfase na modalidade “Séries Iniciais”. Acrescente-se, ela tem atuado como professora (aposentada) no Estado e é diretora há 20 anos no Município de Ariquemes.

Outra questão endereçada à diretora foi sobre a biblioteca da escola e seu funcionamento. Ela respondeu negativamente, isto é, que a escola não possui biblioteca, mas as salas de alfabetização possuem o que comumente é denominado “cantinho da leitura”. Como o próprio nome indica, trata-se de um espaço, em sala de aula, dedicado à leitura.

De nossa parte, pode-se dizer que o que fica pressuposto na instauração desse espaço no interior da sala de aula é que o sentido de “**cantinho da leitura**” e “**biblioteca**” se recobrem, isto é, tudo funciona, no plano do imaginário, como se ambos os espaços apresentassem o mesmo funcionamento, apagando a importância que a biblioteca tem na vida do cidadão.

Assim sendo, embora o espaço “cantinho de leitura” seja dedicado à leitura, não concordamos que se trata do mesmo espaço. Neste sentido, concordamos com a citação abaixo, que afirma:

A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis. (IFLA/UNESCO, p .01; 2002)

Segundo a diretora, a biblioteca funcionava em uma sala que, atualmente, funciona o laboratório de informática. A escola foi contemplada com um laboratório de informática POSITIVO e não tinha sala disponível para a montagem desse laboratório. Diante desta situação, a diretora retirou todos os livros da biblioteca e montou, nessa sala, o laboratório de informática, ficando, assim, os livros organizados na coordenação da escola, sendo disponibilizados aos alunos quando necessitam. Os livros são liberados pelo coordenador e o aluno assina um documento responsabilizando-se pelo livro emprestado.

A fotografia abaixo tirada por nós denuncia o estado em que se encontra a escola no que diz respeito à falta de um espaço apropriado para organizar os livros didáticos. Observe-se que os livros didáticos estão amontoados em uma mesa localizada na sala dos professores. Vejamos:

Foto 01 – Livros didáticos sobre a mesa na sala dos professores.



Fonte – fotografia tirada pela autora desta monografia, 2014.

Conforme o artigo 13 inc. III, "a" do Decreto nº10623 de 26 de outubro de 1977, integram a biblioteca como o núcleo de apoio técnico-pedagógico as atividades pedagógicas. No mesmo Decreto, artigo 22, diz-se que a biblioteca constitui o centro de leitura e orientação de estudos de alunos e ex-alunos e de consulta para o estudo de docentes e demais servidores da escola.¹⁴

¹⁴ <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/13174007/alinea-a-do-inciso-iii-do-artigo-13-do-decreto-n-10623-de-26-de-outubro-de-1977>
<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/13171450/artigo-22-do-decreto-n-10623-de-26-de-outubro-de-1977-de-sao-paulo>

Segundo a diretora, a escola foi contemplada com uma biblioteca e um auditório pelo Programa de Aceleração do Crescimento (doravante PAC), em 2012, mas até o presente momento não iniciaram as obras para a construção dos mesmos.

Em nosso trabalho de campo, ao observar o espaço escolar pudemos notar que a escola está em processo de reforma/construção. Entretanto, embora os banheiros e as salas de aula estejam em reforma, observa-se a ausência de preocupação quanto à construção de uma biblioteca para a escola, pois, segundo a diretora, o cantinho da leitura, “bem trabalhado, consegue atender às necessidades de todo o corpo docente e discente”.

De nossa parte, a ausência de uma biblioteca pode corroborar o fracasso nos processos de alfabetização e letramento. A esse respeito, é pertinente a afirmação de Soares (1998, p. 58):

“O que ocorre nos países do Terceiro Mundo é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas às condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessível, há um número muito pequeno de bibliotecas. Isso explica o fracasso das campanhas de alfabetização em nosso país: contentam-se em ensinar a ler e escrever; deveriam, em seguida, criar condições para que os alfabetizados passassem a ficar imersos em um ambiente de letramento, para que pudessem entrar no mundo letrado, ou seja, num mundo em que as pessoas têm acesso à leitura e à escrita, têm acesso aos livros, revistas e jornais, têm acesso às livrarias e bibliotecas, vivem em tais condições sociais que a leitura e a escrita têm uma função para elas e tornam-se uma necessidade e uma forma de lazer”.

Sobre a ausência de biblioteca na escola, a Professora A3 fez a seguinte afirmação:

Professora A3: “Não dificulta em nada a falta de biblioteca, pois aos professores são disponibilizados livros e com esses livros foi feito o cantinho da leitura.”

Para uma melhor compreensão do espaço “cantinho da leitura” referido pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, vimos, de nossa parte, a necessidade de observação mais profunda acerca desse espaço. Com a autorização da professora, escolhemos uma sala do primeiro ano do Ensino Fundamental em que atua a professora A1. Observamos que o “cantinho da leitura” é um lugar em que há alguns livros infantis denominado “Hora da Leitura”, lugar este, segundo a professora A1, dedicado à leitura.

Foto 02 – Lugar reservado para a leitura



Fonte – fotografia tirada pela pesquisadora, 2014.

A nosso ver, esse espaço é insuficiente pois limita o movimento do aluno (de seu corpo) bem como de constituição como leitor. Defendemos, pois, que, embora o dito “cantinho de leitura” seja importante e deva existir em todas as salas de aula, o espaço da biblioteca é primordial na constituição identitária dos alunos enquanto leitores participativos de uma sociedade como a nossa: letrada por excelência. A biblioteca, qualquer que seja, é muito mais que um cômodo de concreto. Ela é lugar simbólico que pode permitir a constituição de identidades e de promoção do sujeito ao universo do letramento. Ela comparece como um coadjuvante para o trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento. Em resumo, ela favorece o acesso do indivíduo ao mundo das práticas sociais de escrita e leitura.

4.2 Alfabetização e Letramento: Concepção das Professoras

Sabemos que a alfabetização está vinculada ao ensino dos elementos básicos do código, já o letramento identifica-se com a cultura oral na medida em que valoriza o pensar dentro de práticas sociais de leitura e da escrita.

Os professores entrevistados destacaram a importância da leitura e da escrita como essenciais no processo de alfabetização. Vale ressaltar que sempre será preciso ter a atenção para

que os ritmos diferenciados dos alunos no processo de alfabetização não sejam rotulados de incapacidades.

Deve-se entender a importância de pensar a alfabetização como um movimento que potencializa o desenvolvimento letrado da pessoa, de forma que a linguagem seja usada para fins sociais mais amplos e significativos.

O desafio lançado hoje no interior das escolas passa fundamentalmente pela mudança da práxis educativa, pela forma de planejar, interagir e agir nos espaços educativos. O primeiro passo é a leitura do contexto, e o olhar sobre a realidade dos educandos, suas necessidades e possibilidades de se posicionar e intervir no mundo. Sem conhecer esta realidade não há como alfabetizar, não há como trabalhar numa perspectiva emancipatória. Por isso, nessa pesquisa buscamos levantar alguns dados juntos aos professores que atuam com os processos de alfabetização e letramento, tendo em vista o que pensam e de que forma dão continuidade a esses processos, junto às crianças que saem da educação infantil e ingressam na alfabetização do ensino fundamental.

Durante a entrevista questionamos as professoras sobre o processo de alfabetização e letramento separadamente, primeiro foi-lhes perguntado o que compreendem por alfabetização e em seguida o que compreendem por letramento. Isso nos fez compreender o que as professoras entendem pelo tema e se diferenciam um termo do outro, sem que fossem estimulados a encontrar diferenças entre eles. Com já afirmamos em vários momentos anteriormente, os processos de alfabetização e letramento são indissociáveis e interdependentes, porém apresentam diferenças importantes que devem ser levadas em consideração.

Os educadores entrevistados foram 3 (três), todos do sexo feminino, em idade entre 25 e 40 anos que passarão a ser identificados como Professoras A1, A2 e A3 as mesmas atuam uma no primeiro ano, segundo e terceiro do ensino fundamental respectivamente. Apenas uma delas atua há mais de dez anos no ensino, enquanto que as outras duas variam entre 2 (dois) a 5 (cinco) anos. Entre elas 2 (duas) possuem graduação em Pedagogia e uma delas graduação em Letras e iniciou o curso de Pedagogia, atuando como professora a mais de dez anos na alfabetização. Observemos o quadro a seguir que sintetiza a formação e história das docentes envolvidas nesta pesquisa:

Professora do 1º Ano

PROFESSORA A1
FORMAÇÃO : GRADUAÇÃO EM LETRAS
TEMPO DE SERVIÇO: 10 ANOS

Professora do 2º Ano

PROFESSORA A2
FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
TEMPO DE SERVIÇO: 2 ANOS E MEIO

Professora do 3º Ano

PROFESSORA A3
FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
TEMPO DE SERVIÇO: 5 ANOS

Procuramos observar, por meio de 3 (três) educadoras entrevistadas, o que entendem por alfabetização e letramento. Mais precisamente nosso objetivo é compreender a concepção de alfabetização e letramento que permeia a prática didático-pedagógica das professoras envolvidas na presente pesquisa. Pudemos observar que, de maneira geral, elas ainda fazem uma confusão entre esses dois conceitos como veremos.

4.3 Sentidos de alfabetização e letramento no discurso dos professores pesquisados

Nesta seção, como o seu nome evidencia, temos por objetivo trazer as respostas ao nosso questionário no que diz respeito ao conceito de alfabetização e letramento. Noutros termos, a ideia fundamental consiste em compreender os sentidos de alfabetização e letramento presentes no imaginário das professoras envolvidas neste trabalho. Salientamos que as respostas dadas pelos professores encontram-se, na íntegra, no final deste trabalho, na parte dos anexos, a partir da página 56.

Ao ser questionada sobre a concepção de alfabetização, a professora A1 respondeu da seguinte forma:

Professora A1: “Alfabetização compreende o aluno saber ler e escrever compreendendo o sistema da escrita. As práticas utilizadas para o processo de alfabetização são extraídas a partir da realidade dos próprios alunos através de parlendas, receitas, jornais como textos informativos”.

A mesma disse que trabalha em uma sala com 27 (vinte e sete) alunos e ainda acrescentou que já há alguns alunos alfabetizados, pois “sabem escrever o próprio nome”, mas que ainda não compreendem o que escrevem. Acrescentou afirmando que seus alunos são muito curiosos em aprender.

Professora A2: Alfabetização é o processo onde o aluno começa a ler e escrever. Através de atividades repetitivas, leitura coletiva em voz alta, receitas, jornais com textos informativos, lista de palavras. Sequências didáticas, interpretar textos.

A concepção de alfabetização da professora se aproxima do sentido de letramento. No entanto, o que pudemos observar em sua aula foi a presença de uma abordagem tradicional de alfabetização: palavras isoladas e exercícios repetitivos.

Vale dizer que a professora A2 tem em sua sala 24 (vinte e quatro) alunos e afirmou que há aluno alfabético ortográfico, (segundo ela já leem e escrevem algumas palavras), já a maioria não compreende o que escreve e há alunos que começaram a ler com ela, pois ela afirma ter um método de formar frases com 3 (três) palavras, método este, trazendo suas palavras, “tradicional mas que deu certo com os alunos, pois chegaram na sala sem saber nada”, argumenta a professora.

Note-se que na fala da professora em questão fica pressuposto que o aluno (todo e qualquer aluno) adentra a escola em um estágio de ausência de conhecimento. Como já tivemos a oportunidade de dizer no 1º. Capítulo, o indivíduo, quando inicia os estudos (séries iniciais) não está no grau zero do conhecimento. Ele já leva para a escola, para utilizar uma metáfora escolar, “uma mochila recheada de conhecimento”. É só lembrarmos das hipóteses que a criança faz (estabelece) no processo de aquisição da escrita. A esse respeito, vale lembrar os estudos promovidos por estudiosos da Psicogênese da Escrita; eles são bons exemplos de como a criança está continuamente estabelecendo relações de sentido com o saber.

Observemos, agora, a definição de alfabetização pela Professora A3:

Professora A3: entendo que alfabetização é um processo no qual o indivíduo constrói o processo da leitura e escrita.

De nossa perspectiva, essa construção a que refere a Professora A3 não se dá solitariamente, como já afirmamos no Capítulo 1. Trata-se, pois, de uma construção que se dá sempre na relação com o outro.

Acrescente-se, a Professora A3 trabalha em sua sala com 21 (vinte e um) alunos e afirma que há alunos que já chegaram a sua sala alfabetizados, uma vez que, segundo ela, “já estão no terceiro ano” e/ou porque “alguns alunos fizeram o nível pré-escolar”. Em sua fala podemos depreender, pelo menos, dois pressupostos, a saber:

- a) Ao chegar ao terceiro ano, o aluno já encontra-se alfabetizado,
- b) O nível pré-escolar é quesito fundamental para a promoção do aluno ao universo da alfabetização.

A professora esclarece que há alunos alfabéticos ortográficos. Ao solicitar que conceituasse o termo, ela disse que se trata de alunos que sabem ler e escrever algumas palavras e deu o exemplo da palavra “melancia”¹⁵.

Entendemos que o nível alfabético ortográfico que a professora A2 e A3 referiram-se diz respeito ao nível silábico-alfabético, pois é nesse nível que a criança se define num período de transição da escrita e da leitura. Para ela, neste momento, entram questões ortográficas, início da 1ª série/ 2º ano do Ensino Fundamental e se propagam durante todo o processo de aquisição da língua, remetendo os alunos a novas descobertas da escrita e sua reflexão na leitura. Neste período, as crianças relacionam a fala à escrita para formar sílabas, iniciando uma leitura decodificada de seu referido repertório de escrita, pois, segundo ela, com base nas sílabas começam a formar palavras.

Ao analisar as respostas da professora presentes no questionário aplicado, levando em consideração a produção bibliográfica brasileira voltada para a alfabetização, podemos perceber que o sentido de alfabetização *versus* analfabetismo. A nosso ver, seu sentido é bastante redutor: se o aluno não souber ler e escrever é analfabeto. Mas, perguntamos, o que significa ler e escrever em nossa sociedade? Segundo Tfouni (2010), não há em nossa sociedade sujeitos com grau zero de letramento; pelo contrário, existem níveis (diferentes) de letramento. Isso quer dizer que um sujeito pode ser analfabeto, porém “ler” inúmeras situações do seu dia-a-dia e participar de práticas sociais

¹⁵ A título de esclarecimento, os níveis do processo de alfabetização, segundo Emília Ferreira (apud CORRÊA, 2009, p.67) são:

- Nível pré-silábico (o grafismo primitivo seria a primeira etapa deste nível);
- Nível silábico
- Nível Silábico alfabético
- Nível Alfabético.

que exigem leitura e escrita, como identificar um determinado produto nas prateleiras dos supermercados, bem como placas de trânsito presentes em ruas e avenidas, só para citar dois exemplos.

Uma das entrevistadas, a professora (A2), respondeu que a criança começa a ler por meio de leituras repetitivas. De nossa parte, trata-se de uma afirmação que merece ser relativizada.

Concordamos com o fato de que aprendemos repetindo o que os outros falam e fazem (a partir da fala alheira), no entanto tal repetição sempre se dá dentro de um contexto determinado, **significativo**. Não se trata de uma repetição mnemônica (papagaio), mas, isto sim, histórica, ou seja, que se faz dentro de condições específicas.

Diante desse dado, observa-se que, em alguns casos, a prática da escola parece distanciada da funcionalidade da escrita no contexto da sociedade, limitando-se aos usos mecânicos e descontextualizados.

Para corroborar esse pensamento, citamos Vygotsky (1998, p. 139) que afirma:

Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem como tal.

É importante registrar que a criança, no transcurso do dia-a-dia, vivencia usos de escrita, percebendo que se escreve para comunicar alguma coisa, para auxiliar a memória, para registrar informações. E que da mesma forma recorremos à escrita, através da leitura, para, também, obter-se informações, e buscar entretenimento. É hora, então, de a escola parar de simplesmente ensinar a escrita vazia (esvaziada de significado), para dar espaço a uma escrita dinâmica, explorando as ideias, as emoções, as inquietações, escrevendo e deixando escrever. (KRAMER, 2000).

Consequentemente, a escola precisa pensar a alfabetização como processo dinâmico, como construção social, fundada nos diferentes modos de participação das crianças nas práticas culturais de uso da escrita, transcendendo a visão linear, fragmentada e descontextualizante presente nas salas de aula onde se ensina/aprende a ler e a escrever.

É plausível as palavras da professora do 1^a ano, na parte que diz que a alfabetização deve ser extraída a partir da realidade dos alunos. Pois, sabe-se que a aprendizagem só terá e começará a ter resultado e razão de acontecer quando essa fizer parte da realidade da vida dos alunos, pois despertará o interesse deles para com o que se aprende.

Vale lembrar que dentro do contexto social e do contexto familiar da criança ocorrem práticas e usos da escrita, de forma natural e espontânea, das quais ela participa direta ou indiretamente¹⁶. O letramento decorre dessa participação, da vivência de situações em que o ler e o escrever possuem uma funcionalidade, uma significação. Os atos cotidianos, corriqueiros, de ler um jornal, redigir um bilhete, ler um livro, fazer anotações, ou seja, usar textos escritos como fonte, seja de informação, seja de entretenimento, contribuem para que as crianças percebam as diferentes formas de apresentação do texto escrito, bem como para que identifiquem seus diferentes sentidos e funções.

Temos como crença que aprender a ler e a escrever vai além de decodificar sinais e decodificar sons com o propósito de assinar o próprio nome ou responder questões postas pela escola. Faz-se necessário, assim, não só entender o funcionamento do código, mas também usar a leitura e a escrita percebendo a função dessas práticas. Acreditamos nessa perspectiva de que ser letrado significa saber ouvir, falar, ler e escrever em situações sociais.

A prática alfabetizadora deve levar a criança ao mundo letrado através do acesso a diferentes formas de leitura e de escrita, ampliando seus saberes linguísticos a partir do uso reflexivo da língua nas variadas situações de seu funcionamento. Outra consideração a ser feita é que “há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e do seu meio, do contexto cultural” (SOARES, 1998, p. 49).

É preciso deixar claro que alfabetização, no seu sentido complexo, é um processo e, como tal, sua realização não acontece num período curto de tempo, haja vista que a duração do Ensino Fundamental foi ampliada de oito para nove anos, com a inclusão de crianças de seis anos de idade, de acordo com a Lei nº 11.274/2006.

Após a coleta de dados por meio do questionário que as entrevistadas responderam, pode-se observar que essas demonstram pouco conhecimento quando tiveram que responder: Você já ouviu falar no termo “letramento”? Em caso afirmativo, o que você entende por ele? As práticas didático-pedagógicas propostas favorecem o letramento? Que tipo de práticas são formuladas a esse propósito?

Ao responder tais indagações percebe-se que as entrevistadas não diferem ou até mesmo não veem diferenças entre alfabetização e letramento. Observemos por meio dos recortes abaixo:

“Sim, letramento compreende o aluno além de saber ler e escrever estar inserido no universo da escrita, sabendo ler placas, nome de rua e não aquilo proposto em sala de aula.

¹⁶ Lista de compras pendurada na geladeira, rótulos dos produtos que a família consome etc.

As mesmas práticas da alfabetização sempre com a realidade do aluno, eu não sei se tenho algum aluno letrado, pois só convivo com eles em sala de aula.” (Professora A1)

“Para mim o termo letramento é a mesma coisa que alfabetização. Nas práticas didáticas pedagógicas é levar ao aluno desenvolver o gosto pela leitura e a escrita, através do alfabeto para que venha aprender a ler e escrever.” (Professora A2)

“O letramento não é necessariamente o aluno saber ler e escrever. Através de projeto e sequência didática.” (Professora A3)

Nesse ponto, vale dizer que, recentemente, os processos de alfabetização e letramento na experiência escolar são vistos como um assunto de grande interesse por educadores e por outros segmentos sociais que se preocupam com os rumos da ação educativa. No entanto, esses dois termos são, muitas vezes, confundidos ou mesmo sobrepostos. Basta observar uma das respostas obtidas por nós durante o trabalho de campo, mais precisamente a resposta da Professora A2, em que afirma que alfabetização e letramento são as mesmas coisas.

No que diz respeito a tal confusão conceitual, concordamos com Soares (2003, p. 90) afirma quando afirma que:

[...] é importante distingui-los, ao mesmo tempo em que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele.

O que se sabe é que a alfabetização é um fenômeno socialmente construído e, como uma construção social, é permeada por ideologias de base histórica e por um conjunto de práticas já comunicativas ligadas ao contexto.

Concordando com Soares, Mey (2001, p. 241) afirma que:

O letramento não é o que torna as pessoas letradas, mas sim a maneira como essas pessoas funcionam em um discurso social utilizando suas próprias vozes. O letramento é como a cultura: não é um objeto, ou um objetivo em si; é uma função na sociedade ou, mais precisamente, um meio de funcionamento.

Soares (1998) entende que talvez o termo letramento tenha sido usado na falta de algum outro para designar o processo de quem está em contato com os usos sociais da escrita sem que, no entanto, saiba ler e escrever.

Para finalizar o questionário com as entrevistadas, indagamos sobre quais atividades trabalhar para promover alfabetização e letramento. As professoras responderam da seguinte forma:

“musicalização, jogos, lista de frutas, receitas essas são algumas dos quais podem ser trabalhadas.”(Professora A1)

“Leitura de textos no quadro, livros didáticos, fábulas, contos de fadas; leitura coletiva e individual recorte de palavras em revistas, jornais.” (Professora A2).

“Através de listas de animais, alimentos, frutas, etc.” (Professora a3)

Analfabeto passou, dessa forma, a designar o indivíduo que não é capaz de somente ler e escrever um bilhete simples. Sabe ler e escrever envolve mais que a codificação, envolve o uso da leitura e da escrita num determinado contexto social.

Concluindo, por enquanto...

Nesta pequena parte, antes das considerações finais, desejamos sintetizar a nossa compreensão a respeito das principais questões que norteiam a presente pesquisa.

Alfabetizar letrando consiste em desenvolver o trabalho de alfabetização enfocando os usos e as funções de língua, instrumentalizando os educandos para lidarem com situações práticas e cotidianas que envolvam a leitura e a escrita, sempre de forma contextualizada e significativa¹⁷. Alfabetizar letrando é contribuir para que os alunos saibam "fazer uso de diferentes tipos de material escrito, compreendê-los, interpretá-los e extrair deles informações" (SOARES, 1998, p. 23) A autora prossegue dizendo que alfabetizar letrando é dotar o indivíduo de condições para que tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-o capaz de ler e de escrever e, também, enquanto habilidades de decodificação do sistema de escrita, sobretudo, de fazer o uso adequado da escrita socialmente.

Desse modo, é apropriado trazer para esta reflexão as sábias palavras de Soares (1998, p. 45), onde lemos:

O letramento demanda que, além do ensinar a ler, a escola viva essa condição: uma escola que sempre se preocupou em mandar ler precisa agora não só ensinar a ler; mas ler; não só ensinar a escrever, mas, de fato, escrever.

Nessa mesma via, Mortatti (2004, p. 98) bem define o termo letramento:

¹⁷ Vale dizer que por práticas significativas entendemos ser aquelas que, como o próprio nome indica, significa, isto é, faz sentido para o aluno e também para o professor. Nessa via, a língua é pensada/concebida dentro de contextos específicos, o que pode garantir, a nosso ver, maior eficácia no processo ensino-aprendizagem.

O letramento está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, ou, mais especificamente, grafocêntricas, isto é, sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobretudo por meio do texto escrito e impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem.

Nessa mesma direção, Val expõe (2006, p. 11):

Entende-se alfabetização como processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios. Alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia. Entende-se letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo).

Para nós, a fonte de muitos equívocos e polêmicas, quanto aos conceitos de alfabetização e letramento, é a não-compreensão de que os dois processos são complementares, e não alternativos segundo Val (2006). A autora elucida que não se aventa a hipótese de optar entre alfabetizar **ou** letrar. Não cabe, neste assunto, a lógica cega do **ou** uma coisa...**ou** outra. Trata-se, isto sim, de alfabetizar letrando, o que supõe, como é possível perceber, um movimento dialético em que um não deve se dar sem o outro. O que não significa dizer que a ação pedagógica para o letramento deixe de cuidar do trabalho característico com o sistema da escrita alfabética. O fato de valorizar, em sala de aula, os usos e as funções sociais da língua escrita não significa, em hipótese alguma, deixar de tratar, de forma ordenada, da dimensão designadamente linguística do "código", que, como é sabido, abarca os aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos.

Soares (2003, p. 90), estabelecendo uma diferença fundamental entre os conceitos de alfabetização e de letramento, ressalta:

Pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita - a isso se chama letramento.

Dessa forma, pensamos que para o aluno adquirir as habilidades relacionadas à leitura e à escrita, é preciso romper com a concepção de que aprender a ler e a escrever se relaciona com a repetição de exercícios mecânicos (mnemônicos, como temos dito ao longo desta monografia) e descontextualizados, do uso de atividades que envolvem a memória e de exposições orais desconexas. Acreditamos, como estagiária, aluna do curso de Pedagogia e futura professora que é importante que se adquira uma nova visão, uma nova concepção: a de que é necessário e

indispensável o uso de uma diversidade textual que circula em nossa sociedade, incentivando o alunado a realizar leituras variadas encontradas no seu contexto social de modo a superar a ideia de que é só na escola que se encontra a cultura letrada. Desse modo, está-se estimulando o letramento no processo de apropriação da leitura e da escrita.

Assim sendo, alfabetizar letrando implica numa constante reflexão sobre as práticas e as concepções que nós, professores, adotamos ao envolver sistematicamente as crianças no universo da escrita. Também nos envolvemos numa situação de análise e recriação de nossas metodologias de ensino, cuidando para que o aluno não aprenda a ler e escrever alfabeticamente de maneira autônoma, mas aprenda a ler, compreender e produzir textos que compartilhamos socialmente.

O letramento não está necessariamente ligado aos processos escolares, entretanto, sabemos que os níveis de letramento podem ser potencializados com oportunidades educacionais e de com oportunidades educacionais e de alfabetização.

Portanto, alfabetizar significativamente, ou alfabetizar letrando, implica em ensinar as crianças a ler e a escrever na vivência de práticas reais de comunicação e expressão, como, por exemplo, ler e produzir textos diversificados: cartas, convites, bilhetes, contos, narrativas, crônicas, fábulas, jornais etc. refletindo, pois, sobre a língua e seus usos.

Faz-se necessário, não só entender o funcionamento do código (alfabetizado), mas também usar a leitura e a escrita percebendo a função dessas práticas. Ser letrado significa saber ouvir, falar, ler e escrever em situações sociais.

Considerações Finais

Com esse trabalho, pode-se concluir que o letramento não está necessariamente ligado aos processos escolares, entretanto sabemos que os níveis de letramento podem muito bem ser potencializados com oportunidades educacionais e de alfabetização.

Aprender algo requer interesse, desejo por aprender. Só conseguimos desejar aquilo que tem interesse para nós. Aí entra o papel do professor na hora de eleger as oportunidades de aprendizagem significativas. Fica assim mais fácil introduzir as crianças em contexto de letramento.

Entre as práticas de letramento, uma das mais agradáveis para as crianças é a leitura de histórias. E há tantos gêneros na literatura infantil! Todos os tipos de contos provenientes da tradição oral, como os de fadas, os maravilhosos, os populares, os acumulativos, as lendas, os mitos, as fábulas, enfim, toda a boa literatura infanto-juvenil produzida atualmente e ao longo dos séculos.

O letramento é um desafio para o professor, pois requer mudanças significativas na prática pedagógica. Para ser um bom professor é preciso estar em constante atualizações da sua prática pedagógica, pois ele é o mediador do conhecimento. Acredita-se, que o professor que está em constantes atualizações, ele pode contribuir para que se torne sujeito de sua própria história, pois somente nessas condições ele poderá ajudar os alunos a se tornarem, de fato, sujeitos alfabetizados e letrados. Com isso, gerarão pessoas com capacidade de interação com a sociedade, promovendo novas formas de relações no processo do letramento, pois esse processo abre o caminho para que o indivíduo estabeleça conhecimentos do mundo em que vive.

A leitura proporciona autonomia, consciência, muito além da junção de letras isoladas, apartadas de seu contexto de produção. No intuito de desvendar as palavras, a leitura reflete nossas indagações, nossas interferências, nossas inquietudes, nossa própria transformação para que aconteça a modificação do contexto em que estamos inseridos. Nesse sentido, podemos afirmar que a leitura é o testemunho oral de nossas percepções e de nossas ações.

Temos a convicção, como futura pedagoga, de que não basta conhecer as letras para ter domínio da leitura e da escrita, uma vez que o fato de conhecer as letras é apenas um dos caminhos para se chegar ao letramento que, como dito anteriormente, é o uso social da leitura e da escrita. Se pretendermos formar cidadãos críticos, atuantes e participantes, é necessário reconhecer a importância da informação sobre letramento, e não de alfabetização somente, apartada de momentos significativos.

Como vimos afirmando, letrar compreende inserir a criança no universo letrado, fazendo uso distinto da escrita na sociedade. Esse processo pode anteceder a alfabetização, quando a criança inicia sua interação social com as práticas de letramento em seu mundo social. Com isso, podemos perceber que o letramento é cultural, motivo pelo qual diversas crianças vão para a escola com o conhecimento apreendido informalmente no seu cotidiano. Só a partir do conhecimento da importância do letramento é que se deixa o exercício do aprendizado automático e repetitivo sem significado para o aprendiz. Nesse contexto, podemos concluir que os pais exercem um papel relevante, pois é por sua mediação que as crianças se sentem motivadas, ou não, a explorar esse mundo letrado.

Pudemos compreender, a partir desse estudo, que a grande dificuldade em encontrar o caminho que leve ao letramento pode estar atrelada a fatores escolares que sugerem estar relacionadas com condições impróprias ou inadequadas de ensino, incluindo aí questões administrativas e institucionais, formação docente, metodologias ineficientes e materiais impróprios. Pode também estar relacionada a influências sociais, como pobreza, falta de experiências de letramento, pouca importância dada pela família às questões escolares etc. São muitos fatores que entram em jogo...

Concluimos que, para alfabetizar letrando, é preciso entender em qual concepção de linguagem a proposta da escola se baseia, pois, de acordo com sua concepção, é que será estruturado o ensino de língua. A língua constitui-se como um conjunto de regras e modos de funcionamento, mas também é um conjunto aberto e múltiplo de práticas orais ou escritas, desenvolvidas por sujeitos historicamente situados (ORLANDI, 1999). A alfabetização tradicional, como vimos, é fruto da concepção de língua como código, sistema fixo, e, portanto, está desvinculada do texto com função social e voltada para um ensino fragmentado do trabalho com as unidades menores (letras, sílabas, palavras e textos desprovidos de significados para as crianças). Igualmente, buscando superar esses métodos tradicionais, muitos alfabetizadores apegaram-se aos textos como centro do processo de ensino e aprendizagem da língua. A par disso, houve uma abdicação do código, e o texto passa a ser pretexto para apresentar letras ou ensinar regras gramaticais. Daí que a proposta de alfabetizar letrando rompe categoricamente com o momento de aprender e o momento de fazer uso da aprendizagem.

Estudos linguísticos propõem a articulação dinâmica entre descobrir a escrita por meio do trabalho com textos. Assim, estabelecem-se as condições necessárias para níveis mais elevados do letramento da criança, as habilidades de uso dos instrumentos de escrita e de manipular os suportes

textuais. Assim, faz-se necessário que as práticas pedagógicas deixem de ser iniciativas instrucionais para se tornarem intervenções educativas. É imperioso que o professor alfabetizador entenda a criança e com ela estabeleça uma relação dialógica, significativa e compromissada com a construção do conhecimento.

Esperamos ter esclarecido as diferenças e semelhanças entorno dos dois termos - alfabetização e letramento - que têm gerado, no cenário da educação, diferentes interpretações, muitas vezes deturpadas. Para nós, a fonte dos equívocos e polêmicas, porém, parece ser a não compreensão de que os dois processos são complementares, e não alternativos. Acreditamos que não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar, mas, sim de alfabetizar letrando, como quer Soares (2003). Se a ação pedagógica for orientada para o letramento, não será necessário, nem recomendável, que, por isso, se descuide do trabalho específico com o sistema de escrita. Valorizar em sala de aula os usos e as funções sociais da língua escrita não implica deixar de tratar sistematicamente da dimensão especificamente linguística do código, que envolve, certamente, os aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos.

O que é importante também assinalar é que vários estudos já demonstraram que as crianças que têm mais contato com a leitura e a escrita no seu ambiente familiar apresentam mais conhecimento dos usos e funções da linguagem escrita. Outra observação é que a cultura oral e audiovisual vem substituindo a formação clássica e letrada da escola e que ser analfabeto - definindo-se como pessoa que não domina a cultura letrada -, hoje, em nossa sociedade, não quer dizer que a pessoa não domine a cultura midiática, oral e audiovisual, aliás, temos visto que a cultura midiática passou a ser a base de informação em todas as classes sociais.

Essa cultura midiática, por sua vez, é mais veloz, com muita informação, em alta rotatividade e processo de mudanças, enquanto a cultura letrada é menos veloz, reflexiva, busca explicar e analisar. E não podemos negar que, ao entrar na escola, a criança já obteve diversas experiências, entre elas a experiência com a mídia. Resta-nos concluir que diante desse novo cenário, faz-se necessário o comprometimento das universidades com a formação profissional capaz de interagir, de se movimentar, de decodificar essas informações, enfim, participar desse novo "estado ou condição", ou melhor dizendo, desse novo letramento.

Colocamos um ponto final nesta monografia, mas as questões que aqui levantamos continuam a caminhar na trilha de nossa inquietação.

Esperamos ter contribuído de alguma forma para a compreensão da temática que propusemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, M. C. de C. S. **Perspectiva histórica da alfabetização**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1996.

ANTUNES, Celso, 1937. **Alfabetização Emocional: novas estratégias**. 14.ed – Petrópolis, RS: Vozes, 2009.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de Letramento** – 3ª ed. – Belo Horizonte: Autêntico, 2006 168 pg.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2010.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 1995.

Entrevista: **Revista Nova Escola** (Ano XVIII n. 162, maio de 2003, p. 30).

Educação Infantil. Eixo Temático 11 – **Estudos das Linguagens**. V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristóvão -SE Brasil, 2011

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. – 25. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

FIGUEREDO, Joice Leite. **Psicogênese da Linguagem Oral e os Níveis Didáticos de Escrita na**

GALDINO, L. **O que é Letramento**. Webartigos, fev. 2010. Disponível em: <www.webartigos.com/artigos/o-que-e-letramento/33006>. Acesso em: 19 set. 2012

IFLA/UNESCO, The School Library Manifesto: **the school library in teaching and learning for all**. IFLA; 2002.

KRAMER, Sônia. “**Escrita, experiência e formação – múltiplas possibilidades de criação de escrita**”. In: Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender/Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Rio de Janeiro: DP&A. (2000).

KLEIMAM, Ângela B. Ministério da Educação. **Preciso “ensinar” o letramento?** SEB/MEC; 2007.

_____. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In:

_____. (org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 3. reimpr. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 15-61.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org). **Alfabetização e Letramento contribuições para as práticas pedagógicas**. 4ª ed. UNICAMP, Faculdade de Educação. 2008.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. 1ª ed, 1reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, M. **Presença Pedagógica**. Palestra proferida na FAE UFMG, em 26/05/2003, na programação “Sexta na Pós”.

_____. **“Letrar é mais que alfabetizar”**. Entrevista. Jornal do Brasil, 26 nov. 2000.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros -3**. Ed- Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. Ed. Belo Horizonte – MG: Editora Autêntica, 1998.

_____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, n. 25, jan-abr. 2004

_____. **Alfabetização: a ressignificação do conceito**. *Alfabetização e Cidadania*, n. 16, jul. 2003.

_____. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Pátio, Porto Alegre, 8, n. 29, fev. - abr., 2004.

MEY, J. L. **As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder**. *Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 14, n. 2, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e Letramento*. São Paulo: UNESP, 2004. 136 p.

VAL, Maria da Graça Costa. **O que é ser alfabetizado e letrado**. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. Disponível em:

<http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/imagens/livros/livro_salto_praticas_de_leitura_e_escrita.pdf> Acesso em: 29 jun. 2014

VIGOTSKI, L. S. (1998): **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 8. Ed. São Paulo, Editora Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época; v.47).

ANEXOS

Questionário respondido por 3 (três) professoras do 1º ao 3º ano da Escola “Roberto Turbay”

Professora: 1ª Ana



Questionário:

1) Em sua opinião o que é alfabetização? Você poderia dar alguns exemplos de práticas pedagógicas em que há o processo de alfabetização?

Alfabetização compreende o aluno saber ler e escrever compreendendo o sistema a escrita.

As práticas utilizadas para o processo de alfabetização são extraídas a partir da realidade dos próprios alunos através de parlendas, receitas, poemas como textos informativos.

2) Você já ouviu falar no termo “letramento”? Em caso afirmativo, o que você entende por ele? As práticas didático-pedagógicas propostas favorecem a inserção do aluno no universo do letramento? Em caso afirmativo, que tipo de práticas são formuladas a esse propósito?

Sim, Letramento compreende em o aluno além de saber ler e escrever estar inserido no universo da escrita sabendo ler placas, nomes de rua e não apenas propriamente apenas em sala de aula.

As mesmas práticas utilizadas na alfabetização sempre com a realidade do aluno.

3) Com quais atividades você trabalha para promover a alfabetização e o letramento?

musicalização, jogos, listas de frutas, receitas e assim alguns dos quais podem ser trabalhados..

Professora: 2º Ano



Questionário:

1) Em sua opinião o que é alfabetização? Você poderia dar alguns exemplos de práticas pedagógicas em que há o processo de alfabetização?

Alfabetização é o processo onde o aluno começa a escrever e a ler. Através de atividades repetitivas, leitura coletiva em voz alta, revistas, jornais com textos informativos, lista de palavras. Sequência didática, interpretar textos.

2) Você já ouviu falar no termo "letramento"? Em caso afirmativo, o que você entende por ele? As práticas didático-pedagógicas propostas favorecem a inserção do aluno no universo do letramento? Em caso afirmativo, que tipo de práticas são formuladas a esse propósito?

Para mim o termo letramento é a mesma coisa de alfabetização. Nas práticas didático pedagógicas é levar ao aluno desenvolver o gosto pela leitura e a escrita, através do alfabeto para que venha aprender ler e escrever.

3) Com quais atividades você trabalha para promover a alfabetização e o letramento?

- Escrita de texto no quadro, livros didáticos.
- Fábulas, contos de fadas.
- Escrita coletiva e individual.
- Recorte de palavras em revistas, jornais.

Reflexão: 3º Ano



Questionário:

1) Em sua opinião o que é alfabetização? Você poderia dar alguns exemplos de práticas pedagógicas em que há o processo de alfabetização?

Alfabetização é definida como um processo no qual o indivíduo constrói o processo da escrita e da leitura.

2) Você já ouviu falar no termo "letramento"? Em caso afirmativo, o que você entende por ele? As práticas didático-pedagógicas propostas favorecem a inserção do aluno no universo do letramento? Em caso afirmativo, que tipo de práticas são formuladas a esse propósito?

O letramento não é necessariamente o aluno saber a ler e a escrever. Citarei de projeto e sequência didática.

3) Com quais atividades você trabalha para promover a alfabetização e o letramento?

Citarei de listas de animais, alimentos, frutas, etc.